



I and the others that live in me

Balbina Mendes exhibits here some works to be seen as *The second skin*, which I dare to see as an analogy to *The skin I live in*, film by Pedro Almodóvar (2011). What each one simultaneously is and hides, is thus the game/dilemma proposed to the observer, where the hidden face and body gain a prominent place. Here are the masks of A wonderful kingdom as Miguel Torga nicknamed his and our lands, the lands of Trás-os-Montes that cover-up the boys for the long-Christianized pagan festivals of Christmas and Carnival, the joy of birth and the frenetic celebration of that end. It was like this in the Greek festivals and so it continued throughout the world, as can be seen in several altarpieces that make up the designated altars of souls in Catholic churches, with masks carved with the figure of imps and the like that seem to have been copied from these same altars. Spring days, of fauna and flora that begin to bloom, time that follows the harsh cold of snow and fog occupied by humans with sad faces, with modest clothes, as if feeling in their own flesh the open wounds in the body of Christ. These are the masks that, from high pedestals, welcome the traveller to the lands of Podence, where, as can be seen here, the colour palette of burning fire and rosy desire predominates: reds, yellows, purples...

The mask/Person, or life as a plot and the individual as an actor. From the voice that resounds in the mythical Greek theatres to the person who is dressed in the multiple roles they are forced to play. The individual/person who adapts and transforms: serious, ironic, feigned, fun... (re)creating diverse characters that play varied and contradictory roles. It is this metamorphosis that is evident

O Eu e os Outros que em Mim Moram

Balbina Mendes expõe aqui alguns trabalhos para serem vistos como *A segunda pele* que eu ousou fazer a analogia com *A pele onde eu vivo*, filme de Pedro Almodóvar (2011). O que cada um simultaneamente é e esconde, é assim o jogo/dilema proposto ao observador, onde o rosto e o corpo ocultos ganham lugar de destaque. Aqui são as máscaras de *Um reino maravilhoso* como Miguel Torga apelidou as suas e nossas terras, as terras de Trás-os-Montes que encobrem os rapazes pelas festas pagãs há muito cristianizadas do Natal e do Carnaval, da alegria do nascimento e da frenética celebração desse fim. Era assim nas festas gregas e continuou por esse mundo fora, como se pode ver em diversos retábulos que compõem os designados altares das almas nas igrejas católicas, havendo máscaras esculpidas com a figura de diabretes e afins que parecem ter sido copiadas desses mesmos altares. Dias primaveris, de fauna e flora que começa a desabrochar, tempo que sucede ao frio agreste da neve e do nevoeiro, ocupados por humanos de semblante triste, de vestimenta recatada, como que a sentir na própria carne as chagas abertas no corpo de Cristo. São as máscaras que de altos pedestais, acolhem o viajante junto das terras de Podence, onde, como aqui é patente, predomina a paleta de cores do fogo ardente e do róseo desejo: vermelhos, amarelos, arroxeados...

A máscara/Pessoa, ou a vida como um enredo e o indivíduo como ator. Da voz que ressoa nos míticos teatros gregos à pessoa que se trasveste nos múltiplos papéis que é obrigada a desempenhar. O indivíduo/pessoa que se adapta e transforma: sério, irónico, fingido, divertido... (re)criando personagens diversas que

desempenham papéis variados e contraditórios. É esta metamorfose que está patente nesta exposição como bem demonstra a representação do feminino: a máscara serviu também para ocultar o papel feminino pois só a partir do século XVII foi permitido que as mulheres pudessem representar publicamente, como é vincado por John Madden em *A paixão de Shakespeare* (1998). A festa, a celebração, é uma característica ontológica da humanidade que representa o corte com o tempo de trabalho e de responsabilidade social, proporcionando um plano de mútua igualdade e de ligação direta com a natureza, onde cada um é livre de escolher o que quer ou deseja ser.

A arte é transfiguração, aspeto aqui bem visível nas composições que recriam as Graças de acordo com a temática das máscaras. *As Graças ou Cárites* cuja origem também não goza de unanimidade são as deusas da festa, da concórdia, do encanto, da prosperidade e da sorte. Providas de beleza são amantes da música e dançarinas das festas, prevalecendo a imagem que as representa nuas, de mãos dadas, tal como foram esculpidas na época helenística, composição que a partir do Renascimento inspirou quadros e esculturas célebres, destacando-se as apropriações de Sandro Botticelli, Rubens, Charles-Andre Van Loo, Jean-Jacques Pradier, Antonio Canova. Agora, Balbina Mendes, de forma única, apresenta-as metamorfoseadas com as máscaras dos rapazes que no auge da juventude ocultam o rosto por detrás de figuras demoníacas que contemplam os encantos femininos dos corpos nus, simétricos e perfeitos, com que alimentam a luxúria de que não se libertam uma vez que, por mais diabólica que a máscara seja, jamais suplantarão a sensualidade e a sexualidade do corpo feminino que a sociedade teima em esconder.

in this exhibition, as demonstrated by the representation of the feminine: the mask also served to hide the female role, since it was only from the 17th century onwards that women were allowed to publicly represent, as stated by John Madden in *The Passion of Shakespeare* (1998). The party, the celebration, is an ontological characteristic of humanity that represents the break with the time of work and social responsibility, providing a plan of mutual equality and direct connection with nature, where everyone is free to choose what they want or want to be. Art is transfiguration, an aspect here clearly visible in the compositions that recreate the Graces according to the theme of masks. *The Graces or Cárites*, whose origin is also not unanimous, are the goddesses of feasting, concord, enchantment, prosperity and luck. Endowed with beauty, they are music lovers and party dancers, with the image that represents them naked, holding hands, as they were sculpted in the Hellenistic period, a composition that from the Renaissance onwards inspired famous paintings and sculptures, highlighting the appropriations of Sandro Botticelli, Rubens, Charles-Andre Van Loo, Jean-Jacques Pradier, Antonio Canova. Now, Balbina Mendes, in a unique way, presents them metamorphosed with the masks of boys who, at the height of their youth, hide their faces behind demonic figures that contemplate the feminine charms of naked, symmetrical and perfect bodies, with which they feed the lust they can't free themselves from, since, no matter how diabolic the mask is, it will never supplant the sensuality and sexuality of the female body that society insists on hiding.

Artur Manso

Professor na Universidade do Minho
Professor at the University of Minho